

# Os Porquês da Violência Contra a Mulher

Luiz  
Puntel



Apesar das conquistas femininas, ainda hoje os vestibulandos não entendem porque Iracema, a virgem dos lábios de mel, não podia ter sexo com Martim, o guerreiro cristão.

Digo isso porque Iracema voltou, neste ano, aos vestibulares da Fuvest. Passados 40 anos de magistério, ainda é desafiador fazer os vestibulandos entenderem que ser virgem não era uma questão simplesmente anatômica. Iracema era virgem – e esta palavra é repetida 109 vezes no texto de José de Alencar – por ser sacerdotisa da tribo tabajara.

E, uma vez sacerdotisa, não poderia pertencer a um homem. “Como assim, pertencer?” Ainda hoje os alunos estranham a afirmação. Sim, pertencer. Por séculos, o hímen foi considerado o selo, cuja ruptura atrelava a mulher ao casamento, e, evidentemente

te, ao pertencimento masculino.

E o pertencimento, infelizmente, é mantido até hoje. Por que o pai leva a noiva ao altar? O pai, o seu antigo “dono”, entrega, no altar, a filha ao noivo, o novo “dono” a quem ela pertencerá. Por que há noivas que ainda fazem questão de que os noivos as levem para o quarto no colo? Elas não sabem, mas, ao tirá-la do chão, o noivo a tira do solo do “outro” e a coloca no solo dele, já que é o seu “novo dono”.

Lógico que isso causa indignação! Mas, da década de 70 para cá pouca coisa mudou quanto a este “pertencimento”. Querem exemplos? Até há 40 anos, era crime ter, mediante fraude, conjunção carnal com “mulher honesta”. Não inventei não, leitores! Estava no Código Penal – “mulher honesta” –, as-

sim mesmo! Infere-se, portanto, que as “desvirginadas”, mesmo sem consentir qualquer “conjunção carnal”, estavam à disposição dos senhores estupradores. Outro exemplo: na década de 70, ainda não havia o divórcio, que só chegou no apagar das luzes da citada década. E quem carregava a pecha do adjetivo “desquitada”? Ora, a mulher, nunca o homem! Só mais um detalhe: por séculos, a mulher, ao se casar, teve adicionada ao seu o sobrenome do macho. Isso é ou não é o carimbo de “pertença”, do poderio masculino? Só recentemente é que houve mudança a este respeito no Código Civil.

Portanto, a cultura machista ainda impera firme e forte, mesmo com todos os avanços conquistados pelas mulheres. E é por esta visão, o tacanho entendimento de que o homem é

dono da mulher, que a usa como bem entender, que o violentador se sente autorizado a cometer as barbaridades que vemos todos os dias. Entre elas, um estupro a cada 11 minutos, 6 a cada hora, 144 por dia, 50 mil por ano. E esta estatística contempla apenas os estupros que são denunciados. Por isso, a violência ainda é muito maior.

Em 1996, só para nos atermos a mais um exemplo da cultura machista, e com a devida vênica, lembro-me de um voto do ministro Marco Aurélio de Mello, que inocentou um acusado de estupro por manter relações sexuais com uma garota de 12 anos. O eminente magistrado entendeu que não houve violência porque a menina consentiu em manter “conjunção carnal” com seu agressor. Em seu voto, o relator escreveu: “nos dias de hoje,

não há crianças, mas moças de 12 anos”. Gulp!

Voltando ao texto de Alencar, sempre vi Iracema como uma mulher de atitude. É ela que, rasgando os preceitos de sua tribo, toma a iniciativa sexual. Ela leva Martim ao bosque sagrado, oferece-lhe o alucinógeno licor da jurema, e sabe que, ao perder sua virgindade, terá que fugir com ele, morrendo para sua tribo, sua gente, seu povo.

Pagará caro por quebrar as regras tribais, como pagará caro por pertencer a Martim. Mas dará à luz Moacir, o nascido de seu sofrimento, “o primeiro filho que o sangue da raça branca gerara nessa terra da liberdade”.

.....  
PUNTEL, LENDO PELA ENÉSIMA VEZ O  
POEMA-ROMANCE IRACEMA.